

PODER

Bolsonaro chora ao ver a posse e fala em esperança

Segundo ex-presidente, Trump à frente dos EUA sinaliza que política vai mudar para 2026

» ISRAEL MEDEIROS

Do Brasil, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) comemorou a posse de Donald Trump. Impedido de ir aos Estados Unidos por decisão da Justiça, ele assistiu à cerimônia a distância e chorou. O momento foi registrado em vídeo por um dos filhos, o vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ), e publicado em nas redes sociais.

Para Bolsonaro, a vitória de Trump é um fio de esperança de que os ventos da política vão mudar para 2026. Ele deu os parabéns ao republicano por sua “posse histórica” e por seu “poderoso discurso”.

O ex-presidente também disse que não pôde ir à posse por causa da “brutal perseguição judicial” que supostamente enfrenta. “O retorno de Donald Trump à Casa Branca marca não apenas um triunfo do povo americano, mas também um sopro de esperança para o mundo, inclusive, para o nosso Brasil, hoje enfraquecido por um governo vacilante”, escreveu em seu perfil no X (antigo Twitter). Também deu os parabéns a Trump por lutar contra “ameaças” à liberdade de expressão.

Enquanto se desenrolava a cerimônia nos EUA, o ex-presidente também publicou um vídeo fazendo paralelos à sua situação política no Brasil. “Parabéns pela posse, presidente Trump! Para nós, 2026 é logo ali”. Mais cedo, durante a manhã, ele deu entrevista ao canal bolsonarista Auri-Verde Brasil, em que comparou sua trajetória ao do presidente norte-americano.

“Há alguma semelhança entre a minha vida e a do Trump. Logicamente que ele é um bilionário. Eu sou uma pessoa normal que só passou a ter mais de R\$ 1 milhão na minha conta depois daquela campanha do Pix, e eu agradeço até hoje que está me dando para pagar advogados, eu agradeço muito”, disse, referindo-se a uma “vaquinha” feita em 2023 que lhe rendeu mais de R\$ 17 milhões em doações às vésperas da campanha eleitoral. O ex-presidente, no entanto, já tinha um patrimônio milionário. Declarou à Justiça Eleitoral, nas eleições de 2022 ter R\$ 2,3

Evaristo Sa/AFP



Bolsonaro criticou a retenção do passaporte: “Ah, pode fugir’. Eu posso fugir agora. Qualquer um pode”



O retorno de Donald Trump à Casa Branca marca não apenas um triunfo do povo americano, mas também um sopro de esperança para o mundo, inclusive, para o nosso Brasil, hoje enfraquecido por um governo vacilante”

Jair Bolsonaro, ex-presidente da República

milhões em patrimônio, mesmo valor de 2018.

“Eu levei uma facada aqui no Brasil. O Trump levou um tiro nos Estados Unidos. Lá eles tiveram o 6 de janeiro (de 2021, quando apoiadores de Trump, incentivados por seu discurso extremista, invadiram o Capitólio e vandalizaram o lugar, causando cinco mortes), aqui nós tivemos o 8

de janeiro. Lá houve morte, aqui não teve. Então essas coisas nos unem”, continuou.

Bolsonaro também elogiou a política anti-imigração de Trump e disse que o presidente norte-americano não é contra imigrantes em geral, mas contra aqueles em situação ilegal. A retórica do novo presidente sobre o assunto foi uma tônica da campanha. Trump promete fazer deportações em massa de imigrantes ilegais, que chama de “pessoas horríveis” e às quais culpou pelos problemas econômicos dos Estados Unidos.

Bolsonaro foi impedido pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, na semana passada, de ir à posse de Trump. O magistrado e a Procuradoria-Geral da República (PGR), que emitiu um parecer sobre o tema, entenderam que o ex-presidente poderia fugir.

Com a negativa de Moraes, quem viajou a Washington foi a ex-primeira-dama, Michelle Bolsonaro. Ela participou, juntamente com o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e de sua esposa, Heloisa Bolsonaro, de um jantar de gala oferecido por Trump no domingo. O ex-presidente disse, no entanto, que Michelle não foi representá-lo. “Está lá o Eduardo, que me representa,

na verdade é meu filho, confiança 100%. Está lá com a Michelle nos Estados Unidos, que obviamente não trata desses assuntos”, afirmou.

Bolsonaro disse, também, que a negativa de seu passaporte é “inacreditável” e criticou Moraes pela decisão. “A imprensa do mundo todo está divulgando que eu fui proibido de ir para lá (para a posse de Trump) por causa da decisão de um juiz. Um juiz que é o dono de tudo aqui no Brasil. É dono da sua liberdade, ele abre inquérito, ele te ouve, ouve o detador, ele é o promotor, é o julgador, ele encaminha seu juiz para participar de audiência de custódia. Tudo ele. Tira o teu passaporte. Eu não sou réu, pô. ‘Ah, pode fugir’. Eu posso fugir agora. Qualquer um pode fugir.”

O ex-presidente afirmou, ainda, que quer disputar as eleições de 2026. Questionou a decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que o tornou inelegível em 2023 e voltou a dizer que, se não for candidato, isso será um indicativo de o Brasil não terá mais democracia. “Eleição sem oposição não é democracia. Deixa o povo decidir. Alguns perguntam quem será meu sucessor em 2026 se eu não vier. Se eu não vier, é sinal de que não tem democracia”, disse Bolsonaro.

Em Washington e no Brasil, direita comemora

Reprodução @michellebolsonaro



Michelle e Eduardo Bolsonaro foram ao jantar do presidente dos EUA

Parlamentares de direita aproveitaram a posse do presidente dos EUA, Donald Trump, para se promover nas redes sociais e tentar mobilizar, no ambiente digital, os apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), com vistas a 2026.

O mais “barulhento” foi Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que viajou a Washington para participar de eventos da posse e publicou vídeos e fotos celebrando com apoiadores de Trump nas ruas da capital norte-americana.

Ele republicou um vídeo em que o ex-assessor de Trump Steve Bannon fala sobre a situação política de seu pai e diz que Eduardo será o futuro presidente do Brasil. O parlamentar brasileiro também chamou de covarde o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que, ontem, disse não querer ser inimigo dos Estados Unidos.

“Ué, Lula, quer ser amigo de nazista agora? Se Donald Trump não tivesse sido eleito, a ilustre primeira-dama seria elogiada por Lula a cada ‘fuck you, Elon Musk’ que gritasse. A propósito, seus ministros seguem atacando o Trump mesmo após eleito”, escreveu no X (antigo Twitter).

Já a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, que também foi a Washington para acompanhar a posse, pediu que Deus abençoe o governo Trump “com sabedoria, discernimento e amor para governar o seu povo”.

“Viva a América. Quando os justos governam, alegra-se o povo; mas quando o ímpio domina, o povo geme”, escreveu a ex-primeira-dama.

Já o deputado Luiz Philippe de Orleans e Bragança (PL-SP) destacou que “Donald Trump inicia um novo capítulo de força, liberdade e soberania nos Estados Unidos”. “O mundo precisa de líderes que coloquem suas nações em primeiro lugar, defendam valores fundadores e protejam sua cidadania,

civilização e fronteiras.” Por sua vez, o deputado Carlos Jordy (PL-RJ) destacou que “um grito de liberdade está sendo dado e ecoará em todo o ocidente”, inclusive no Brasil.

Além de Eduardo, outros congressistas comemoraram a posse de Trump em Washington. Entre eles, estão os deputados Marcel van Hattem (Novo-RS), Bia Kicis (PL-DF) e Carla Zambelli (PL-SP). As duas últimas disseram, em seus posts, que suas viagens foram custeadas



Que Deus abençoe o presidente Trump com sabedoria, discernimento e amor para governar o seu povo. Viva a América. Quando os justos governam, alegra-se o povo; mas quando o ímpio domina, o povo geme”

Michelle Bolsonaro, ex-primeira-dama

com recursos próprios.

Zambelli afirmou, em um vídeo, que a postura de Trump contra o terrorismo respinga no Brasil, que, segundo ela, tem um presidente que “é um grande fã do terrorismo”. “A partir de hoje, muita coisa vai mudar para os Estados Unidos, e o Brasil entra nessa história, quando a gente fala da luta contra o terrorismo, da luta contra o racismo, da luta contra a agenda woke, porque os Estados Unidos acabam influenciando o mundo todo.” (IM)

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

pacífico



Pare o mundo que Trump quer passar

“Nada vai entrar no nosso caminho, porque nós somos americanos”, disse o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ao encerrar seu primeiro discurso após a posse. Trump não fez por menos: anunciou “uma era de ouro”, reiterou seus planos expansionistas e assinou uma enxurrada de decretos para desconstruir a gestão do democrata Joe Biden, que o antecedeu, e levar adiante sua política protecionista e anti-imigração.

Sua primeira ordem executiva foi declarar emergência na fronteira entre EUA e México, o que significa a autorização do envio de militares à região. Trump não está brincando quando fala em retomar o controle do Canal do Panamá, mandar astronautas fincar a bandeira norte-americana em Marte e combater a diversidade sexual, para que os Estados Unidos voltem a ser um país “com dois gêneros: o feminino e o masculino”.

Na questão ambiental, Trump anunciou que os EUA sairão do Acordo de Paris sobre o Clima, o que vai representar um boicote à COP 30, que se realizará em novembro, em Belém do Pará. Nesse campo, pretende dificultar a produção de energia eólica e intensificar a exploração do petróleo em seu território. Sua posse ofuscou e pautou os debates do Fórum Econômico Mundial, em Davos, iniciado ontem.

Trump fez um discurso assumidamente reacionário, para “tirar a América da escuridão”, após duras referências ao governo Biden, sem citá-lo, com um tom messiânico: “Fui salvo por Deus para tornar a América ótima novamente”. Prometeu expulsar “todos que entrarem de forma ilegal”, mudar o nome do Golfo do México para Golfo da América e declarar cartéis mexicanos como organizações terroristas. Negacionista, anunciou que reintegrará funcionários demitidos por não tomarem vacina contra covid. Disse também que anistiará condenados pela invasão do Capitólio, em 2021.

Contraditoriamente, prometeu ser um “unificador e pacificador” em relação aos conflitos em outros continentes. Citou como exemplo o acordo de cessar-fogo entre Israel e Hamas, no qual teve realmente um papel decisivo. Entretanto, sua política protecionista pode representar uma grande ameaça à institucionalidade da economia mundial, que é fruto de um longo processo de negociações e acordos multilaterais. Essa política de Trump está em sintonia com os magnatas norte-americanos da tecnologia, entre os quais Elon Musk, dono da Tesla e do Twitter, que assumiu a tarefa de enxugar e modernizar o Estado norte-americano.

A política de Trump torna absoluta a liberdade de expressão, com a desregulamentação das mídias sociais, a pretexto de restaurar “a justiça justa, igualitária e imparcial sob o Estado constitucional de direito”. Na verdade, é um “liberou geral” para a xenofobia, a homofobia, o machismo e o racismo. O novo presidente dos Estados Unidos é um supremacista branco e defende um tipo de patriotismo que atribui aos norte-americanos a liderança mundial como destino.

Barbas de molho

Na posse de Trump, porém, esse papel foi traduzido pela presença das principais lideranças de extrema-direita da política mundial: Javier Milei, da Argentina; Giorgia Meloni, da Itália; e Viktor Orbán, da Hungria. Ultraconservadores europeus, como Tino Chrupalla, do Alternativa para a Alemanha (AfD); o espanhol Santiago Abascal, do VOX; e o ultraliberal britânico anti-União Europeia Nigel Farage também estavam em Washington. O ex-presidente Jair Bolsonaro, impedido de viajar por uma decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), se fez representar pela esposa, Michelle, e pelo deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), seu filho.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva não foi convidado para a posse. Na reunião ministerial de ontem, pôs as barbas de molho e disse que “não quer briga” com o novo presidente norte-americano. “O Trump foi eleito para governar os EUA e eu, como presidente do Brasil, torço para que ele faça uma gestão profícua, para que o povo americano melhore e para que os americanos continuem a ser o parceiro histórico que é do Brasil”, declarou. A embaixadora do Brasil em Washington, Maria Luiza Viotti, representou o governo brasileiro.

A volta de Trump à Casa Branca deixou eufórica a oposição no Brasil. O presidente do PP, senador Ciro Nogueira (PI), avalia que sua posse coincide com uma mudança na correlação de forças por aqui, que deixa o governo mais enfraquecido. O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (PR), postou um vídeo em suas redes sociais usando um boné com o slogan de Trump, Make America great again. Quem mais comemora é o ex-presidente Bolsonaro, que redobrou suas esperanças de concorrer à Presidência em 2026, mesmo estando inelegível.

A posse Trump inicia um novo ciclo para aquela economia mundial, cujas consequências ainda são imponderáveis. Instituições como a OMC (Organização Mundial do Comércio), o FMI (Fundo Monetário Internacional) e os organismos multilaterais, que são fundamentais para os países emergentes como o Brasil, tendem a ser tutelados ou ignorados por Trump.

Lula já tinha muitos problemas antes de Trump tomar posse, que agora ganharão outra dimensão. Ontem, na reunião ministerial, quando cobrou mais entregas de sua equipe, disse que as eleições de 2026 já começaram. Seu maior problema não é a conexão entre Trump e a oposição, são a inflação e a política fiscal, que se retroalimentam e geram desconfiança do mercado e na população, como ficou evidente na crise do Pix.